

REVISTA SÉRIE LINGUAGEM

NÚMERO 3 – 1998.

Interpretação

Organizadores: Regina Fabbrini e Sergio Lopes Oliveira

Traduzir; verter; dar sentido; explicar; representar; julgar; ajuizar. Estes entre outros termos, apontam o sentido dado à palavra *interpretação* que neste número constitui o nosso tema central. Tema este, intrínseco à linguagem. A preocupação com a interpretação é tão antiga com o advento da palavra como nos apontam por exemplo os escritos socráticos que um de nossos convidados, o neurólogo estudioso da linguagem Juan Azcoaga cita em seu artigo e que Maria Francisca A. F. Lier-De Vito, Lauro Frederico B. Silveira, Eni P. Orlandi, Janete Frochtengarten e Haroldo de Campos fazem ressoar de modos diversos e suplementares a partir dos lugares onde a invocam: Linguística, Filosofia, Análise do Discurso, Semiótica e Literatura.

Se a inquietação com a interpretação não pode ser datada a partir do sujeito moderno mesmo assim podemos assinalar que a análise da questão toma na modernidade rumos peculiares que destacarão a interdependência entre interpretação e autoridade apontada por Freud através da descoberta da transferência e da repetição não apenas na clínica [neurose da transferência] mas na vida cotidiana. Mais recentemente Lacan continuando para além de Freud deslocara o acento da interpretação para o ato analítico ampliando os domínios da possibilidade de análise dessas relações.

A interpretação também nos remete à posição/condição do intérprete que em sua busca de interpretação justa, torna-se por vezes um escafandrista, tentando encontrar nas profundezas aquilo que para Foucault, encontra-se no *revés da profundidade* como *uma ruga na superfície*. Porém, essa não nos remeterá a uma interpretação primordial/final, e sim a uma falta de conclusão essencial de interpretação, onde, ainda como Foucault não houve/haverá *nunca um interpretandum que não tivesse sido interpretans*, em uma relação que se pressupõe uma elucidação mas que se apresenta como violência. A interpretação é um ato de apoderamento do objeto violentamente impondo a ele *uma* interpretação.

Através dos textos dos psicanalistas convidados para a seção *Ponto de Referência*, Ricardo Goldenberg, Alduizio de Souza, Oscar Casarotto e Jorge Forbes, que tem como

referência Lacan, veremos o desdobramento dado a algumas temáticas aí implicadas já que se trata de pensar o sujeito do inconsciente ou o sujeito da enunciação.

Continuando através da seção *A Linguagem na Literatura* o linguista Denis Bertrand analisa o texto *La Bête Humaine* de Zola. E nas *Primeiras Leituras* Sílvia Faustino nos apresenta o percurso e a ênfase progressiva dos diferentes enfoques que a linguagem teve na filosofia ao longo desse século que se finda fecundado por novas ideias.

A seção *Textos* além da edição bilíngue de um extrato de Peirce sobre aquisição da linguagem, cuja importância merece destaque junto a todos os estudiosos da linguagem, foi desta vez enriquecida pela tradução/trans-criação – e a apresentação de versões multilíngues – do episódio bíblico de *Babel* por Haroldo de Campos. Belíssimo texto final que nos remete à temática deste número e à origem mítica de todo desentendimento, à impossibilidade de qualquer unanimidade em torno de uma única interpretação ou sentido, mas que também aponta seu resgate possível através das relações entre o singular e o universal, corte-sutura, que lembra que, numa certa fronteira as interpretações podem ser compartilhadas.

Os organizadores